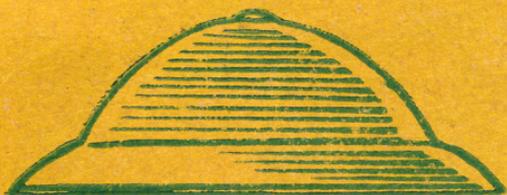


SEBASTIÃO A. PINTO

Botucatuenses



NO

SETOR SUL

1932 — 1957

DR. SEBASTIÃO A. PINTO

Botucatuenses



NO

SETOR SUL

1932 — 1957

A. Luiz Limonetti;
cordalmente o
seu amigo

NO

24-6-58

25.º ANIVERSARIO

DA

REVOLUÇÃO

CONSTITUCIONALISTA





1932. Mês de Maio. São Paulo era um vulcão. Prestes a explodir. Os paulistas cheios, cansados da exploração pelos agentes ditatoriais, estavam por aqui...

O povo paulista estava preparado, psicologicamente, para uma revolução. Nas ruas diziam, em tom de trôça: — «O baiano Artur Neiva, afirmara certa vêz, que São Paulo era a locomotiva que arrastava vinte vagões. Mas em 1932, o pobre São Paulo nada mais era que um vagão restaurante...» Bastava uma centelha para incen-

diar a massa saturada de prepotencia e desmandos, ansiosa pela volta ao regime democratico.

E veio o 23 de Maio. O povo, pisoteado e espinhardeado na praça publica, clamava vingança. Os rapazes imolados à sanha dos agentes da ditadura, deram origem ao M. M. D. C., nucleo inicial do movimento que deveria eclodir logo mais. Estava escrito. E Ibrahim Nobre, o tribuno da Revolução, assim o proclamava.

Chegou o dia 9 de Julho. A Capital, era um incendio inestinguivel. Em Botucatu, o ambiente era tranquilo. Uma calma impressionante. A' noite, no «Clube 24 de Maio», um retumbante baile, congregava a sociedade local. Era o BAILE MAIORIDADE, onde só dançavam os maiores de 21 anos, os velhos *galos de S. Roque*, num acinte aos frangótes que imperavam nos salões botucatuenses, obrigados a ficar de espéra até depois da meia noite..

Na madrugada do dia 10, começaram a circular os rumores do levante na Capital. Os velhos rádios, rouquinhos e cheios de estática, difundiam as primeiras noticias do grande movimento que iria empolgar S. Paulo todo; — A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA. Um entusiasmo louco dominou o Estado. Na Capital e no interior. Tudo foi relegado para um segundo plano. Só se falava, só se pensava, só se agia revolucionariamente. A velha fibra bandeirante, em toda sua pleititude, operou milagres. A gente de Piratininga demonstrou que o paulista não era apenas homem do trabalho. Bom somente para plantar café e ganhar dinheiro. Nas horas duras, a gente do altiplano tambem sabia lutar. E como

lutaram, os laboriosos e pacíficos descendentes do Anhanguéra!

Na pacata Botucatu, com o correr dos dias, criou-se mentalidade guerreira. Com a previsão de que a luta iria se prolongar por longos meses, os homens válidos, reservistas ou não, entraram a se organizar militarmente. Para a defesa do brio paulista e da integridade de São Paulo, esqueceram-se ressentimentos. Olvidaram-se paixões políticas. E uma frente única se formou. Na residência do Dr. Silvio Galvão estabeleceu-se um pequeno quartel general, para apresentação de voluntários e recebimento de auxílios para o movimento que constituiria uma verdadeira epopéia nacional. Dezenas de moços, diariamente se apresentavam, ou melhor, iam diretamente para São Paulo e Quitaúna, de onde partiam os batalhões que no Norte, no Sul, na Mantiqueira e outros setores, lutavam árduamente para o restabelecimento da legalidade. Estava morrendo gente a valer, mas isso não impedia que os voluntários acorressem em massa. Até o elemento feminino colaborava eficientemente, em múltiplas atividades. Mulheres mais decididas envergaram a farda e empunharam o fuzil, indo para o campo da luta. São Paulo ensanguentado e coberto de luto, era um gigante que impunha respeito e admiração.

Integrado na Revolução, também me apresentei como voluntário. Com meus irmãos, meus parentes, meus companheiros de trabalho, com meus amigos e muitos desconhecidos, todos irmanados no ideal de paulistismo e brasilidade, abandonamos interesses, família, comodidades e atiramo-nos à luta. Do quartelzinho na casa do

Silvio Galvão, eu me lembro, partiram José do Amaral Wagner, Luiz Pinho de Carvalho, Jayme de Almeida Pinto, Américo de Souza e Silva, Brasilio Damato, Oscarlino Martins, Jorge Barbosa de Barros, Orlando Píneiro Machado, Lucídio Paes de Almeida, Germinal Serrador, Maneco Paes, Sinésio de Oliveira, Julião Pires de Campos Filho, Antonio Piccinin, Antonio Augusto Pedro (Guarantã), Silvio Galvão, Olavo Ponciano, Edward Paes de Camargo, Salvador Assunção, e inumeros outros, cujos nomes infelizmente me escapam. Numerosos botucatuenses, aliás, já estavam engajados no movimento e lutavam bravamente, incorporados a batalhões do Exército, da Polícia e de voluntários. O Exército Constitucionalista integrado por centenas de milhares de homens, vibrantes de patriotismo e entusiasmo, não tinha armas e nem munições suficientes. Mas, tinha patriotismo, civismo e ideal, para dar e sobrar.



De um velho caderno de notas, retiro os apontamentos que se seguem:

18 DE JULHO DE 1932 — Um bom contingente de botucatuenses, partiu hoje para São Paulo. São reservistas de primeira e segunda categorias. E são, também, civís. Que nunca tinham manejado um fuzil Máuser ou uma metralhadora pesada. Na estação local encontramos mais voluntarios, de outras cidades, que se dirigiam a São Paulo. O trem, podia-se dizer era um trem militar.

Poucos eram os civís, que se abalavam a viajar naqueles tumultuosos dias.

Na Capital, na estação da Sorocabana, à chegada, um espetáculo impressionante, marcial, presenciámos. Um trem de tropas seguia para Itapetininga. Para lutar no setor Sul, onde as coisas não corriam bem. Uma banda da Força Publica tocava a linda marcha «Paris-Belfort», que se tornou uma especie de hino dos paulistas. Metralhadoras pesadas, muitos F. M., morteiros, equipamentos de combate, etc., eram carregados afanósamente. Acerando ádeuses aos que ficavam — esposas e mães, irmãos e filhos, amigos — os soldados da lei tomavam os carros que deviam leva-los para os entrevêros de Burí, Ligiana, Apiáí e outros lugares, onde a luta era brava. E ruim para nós.

Noite fria e chuvósa. Os voluntarios foram conduzidos ao Jardim da Infancia do Instituto de Educação «Caetano de Campos», na praça da Republica. Funcionava alí uma concentração de voluntarios. Depois dos exames médicos, vestidos e equipados, os soldados eram distribuidos pelos diversos corpos de trópa — infantaria, artilharia, cavalaria, transportes, etc. — de acordo com suas habilitações. E eram enviados então, para as diversas frentes de combate. Na ocasião, isolado, traído e condenado, São Paulo tinha suas fronteiras delimitadas por um cinturão de trincheiras.

Os botucatuenses foram distribuidos em varios corpos. Uns foram para o Norte, lutar em Queluz, no Tunnel, na Mantiqueira. Outros, integraram os batalhões que se destinaram ao Sul. E ainda outros, rumaram para a

zona limitrofe com o Paraná, sendo que uns poucos seguiram para Mato Grosso. Em S. Paulo, enquanto aguardava classificação e ordem de partida, fui incorporado ao pessoal do MMDC e designado para trabalhar no Serviço de Saúde, na inspeção e assistência aos voluntários.

1.º DE AGOSTO — Fui incorporado ao Batalhão Universitario «Fernão Salles». Era a primeira unidade que deveria receber capacetes de aço. Vale a pena esclarecer, que Fernão Salles, patrono do batalhão, fôra um valente civil, um grande idealista, morto em combate nos primeiros dias da revolução. Tombou, quando lutava perto de Ouro Fino, em Minas Gerais. Nosso batalhão era comandado pelo bravo capitão Honorio de Castro, graduado Coronel. Como sub-comandante figurava o Cap. Ribeiro. Comandantes de companhias, eram os tenentes Cintra e Batista. Da unidade faziam parte Lucídio Paes, Jayme Pinto, Americo de Souza e Silva, Sinésio de Oliveira, sargento Piccinim, sargento Julião Pires de Campos Filho e Orlando Pinheiro Machado. Ao todo, eramos oito botucatuenses. Uma rapaziada decidida de Agudos, São José do Rio Pardo, Itapira, Mogy-Mirim, S. Paulo e outras cidades, formava o grosso da trópa. O sargento Americo de Souza e Silva, foi logo promovido e graduado segundo tenente e assumiu o comando de um pelotão. Julião Pires, com recente baixa do Exército, era o sargenteante da 1ª. Companhia.

3 DE AGOSTO — O Batalhão Universitario «Fernão Salles», foi destacado para o setor Sul. A' noite,

deslocou-se para Itapetininga. Na velha cidade dos Pres-tes, a Atenas do Sul, transformada em praça de guerra, estava o quartel general (QG) das tropas em operações. O general Brazilio Taborda, brilhante oficial do Exerci-to comandava o setor Sul, onde a luta era árdua e o terreno disputado palmo a palmo. E apesar dos pezares, a resistencia era satisfatoria.

Por necessidade de serviço, nosso batalhão foi di-vidido em duas companhias e um pelotão, que agiam isoladamente. Integrando o pelotão extra, fui promovido a 2.º tenente do Corpo de Saúde, conforme boletim de 5 de agosto.

DIA 4 DE AGOSTO — No quartel do 3.º de Po-licia (FPSP), estavam acantonados milhares de praças, aguardando transporte para as linhas de fogo. A' tarde, uns aviões federais, sobrevoaram a cidade. Fazendo re-conhecimentos. Voando baixo. E jogaram umas bombas, para os lados do campo de aviação. Sem grande resul-tado.

No quartel do Oitavo, entretanto, cenas lamenta-veis se passaram. Com o vôo baixo dos aviões e o es-tampido das bombas, a trópa, bisonha, entrou em pani-co. Desorientou-se. Sem ouvir as vozes de comando o pessoal entrou a correr desordenadamente, procurando abrigos. Muitos soldados, começaram disparar seus fuzís, tentando atingir os aviões. Foi uma fuzilaria dos diabos. Restabelecida a calma, verificou-se que estavam feridos dois soldados e um tenente de sapadores adido ao «Fernão Salles». Os praças apresentavam ferimentos sem gra-vidade. Mas o tenente dos Sapadores, Aristoteles Platony,

com o fígado esfaçalhado pelas balas, estava muito mal. Operado de urgência pelo Major J. A. Camargo (dr. Zico), faleceu alguns dias depois. Acompanhei de perto a agonia do Tenente e pude notar sua fibra, sua coragem e seu patriotismo. Foi uma pena seu falecimento.

5 DE AGOSTO — Pela tardinha, ordem de partida. Para Capão Bonito do Paranapanema. O comboio, de caminhões, vagorosamente, viajou a noite. Sem incidentes. Pela madrugada entramos na pacata cidadezinha. Transformada em praça de guerra, fervia de soldados. As famílias tinham se retirado. Nas ruas só se viam soldados. Mulheres, nem para amostra. E a zona de guerra ainda estava distante.

No grupo escolar de Capão Bonito funcionava o hospital de sangue. Uma equipe de médicos e acadêmicos, chefiada pelo Prof. Montenegro, cuidava dos feridos que vinham de Ribeira, Guapiára, Apiaí e outros lugares, onde a luta era intensa e áspera.



13 DE AGOSTO — Nosso pelotão recebeu rodem de partida. Para executar certas medidas de segurança. Havia noticias de que patrulhas das tropas federais tinham se aproximado de São Miguel Arcanjo, vanguardeando uma coluna inimiga, que havia se infiltrado até aquelas paragens. Dizia-se que alguns soldados da cavalaria riograndense, tinham sido aprisionados na casa de força da usina elétrica de São Miguel. Boatos, deveriam ser esses rumores. Mas, por via das duvidas, era melhor investigar.

E, pela madrugada, num caminhão, lá fomos nós para a primeira missão guerreira. Cortamos os caminhos que levavam a São Miguel, Taquaral, Serraria e outros lugares da zona, até então desguarnecidos. Os soldados levavam uns velhos fuzís Mauser e um F.M. Acompanhei o pelotão, que, alem dos reconhecimentos, levava a missão de dinamitar pontes e guarnecer algumas pas-

sagens, para maior segurança das tropas em operações na zona.

Andamos o dia todo. Nada de suspeito averiguamos. A «bóia» do pessoal consistiu em bolachas, salchichas e água. A' noite, atingimos um lugar chamado SERRARIA. Então tomamos uma refeição quente, gostosa (arroz, café e pão). Os poucos moradores, pobres trabalhadores, foram gentís e camaradas. Estávamos com fome, cansados e tiritando de frio. Chovera o dia todo. Uma chuvinha peneirada, contínua, irritante.

A' meia noite, mais ou menos, o pelotão retomou o caminhão e tocou para a frente. O velho Ford sacolejava nos caminhos esburacados. Ninguém dormia. Nem cochilava. Num lugarejo chamado CAPELA DOS FERREIROS — uma duzia de casas — foi destacado um grupo de combate para guarnece-lo. Fiquei com o grupo. O resto do pessoal retornou a Capão Bonito.

Na Capela dos Ferreiros permanecemos três dias. Inativos. Numa pasmaceira enervante. Vigiando os caminhos e observando a gente que passava. Nada de anormal. A' noite, nos casebres abandonados, (os moradores tinham pirado á nossa aproximação), curtíamos frio, enrolados nos cobertores ralos, enquanto as sentinelas prescrutavam os horizontes. Nada de anormal, felizmente.

Durante dois dias, ao longe, muito ao longe, percebia-se um ronco. Um barulho contínuo. Era como que uma grande trovoadá. Soubemos depois, que eram os combates de Burí, Ligiana e Vitorino Carmilo, onde os paulistas lutavam desesperadamente contra a avalanche

ditatorial, que contava com cem peças de artilharia. Lá em Burí, Ligina e Vitorino Carmilo estava o Angelo Martin (o popular Barbeta), Prof. Salvador Assumpção, Mario Cacace e Francisco Paschoalick, integrando o 9.º BCR; lá estavam Oscarlino Martins, Jorge Barbosa de Barros, Brazilio Damato, Dodô Artigas, Menotti Fatori, no batalhão do Cap. Pinto (6.º BRC), todos no Destacamento do bravo Coronel Cristiano Kinguelhoefer. Morreu gente naqueles dias, onde os batalhões desapareciam nos entrevêros e a mocidade paulista era dizimada pela metralha ditatorial. Nesses combates, Angelo Martin, por bravura, na Secção de metralhadoras pesadas, ganhou os galões de oficial.

16 DE AGOSTO — A' noite, um caminhão chegou ao nosso posto. A ordem era de nos reconduzir a Capão Bonito. Varios soldados estavam doentes. E eu tambem. Mas nada de gravidade. Uns dias de repouso, alimentação melhor, e logo todos estavam em forma novamente. Cessára o regime do *corner bife* indigesto...

20 DE AGOSTO — Enquanto repousavamos em Capão Bonito, iamso colhendo as novidades, as noticias dos diversos setores da enorme frente SUL. As tropas paulistas estavam se retraindo. Era uma retirada geral, para evitar o inutil sacrificio das nossas tropas, inferiores em numero e sem apoio de aviação e artilharia, lutando ainda com falta de munições.

Nas conversas, iamso ouvindo noticias boas e más, tristes e alegres, em que figuravam amigos e conhecidos. Assim, soube, que o Piza de Toledo Piza, do Batalhão

9 de Julho, caira prisioneiro. Que o Celso Conceição, conseguira fugir, depois de aprisionado, juntamente com Nelson Omega (parece-me que era do Batalhão Rio Grande do Norte). Nos combates de Burí, o trem blindado do tenente Negrão, fizera furor. O Angelo Martin, promovido a segundo tenente, era designado para comandar a secção de metralhadoras do Batalhão «Tenorio de Brito». Citado em ordem do dia, pelo coronel Kinguehoefer, apareceu o bonissimo e calmo Leopoldo Fernandes Silva. Este botucatuense, alto funcionario da Sorocabana, á disposição do Estado Maior das Tropas em Operação, no Setor Sul, em momentos cruciais, arriscando sua pessoa e a vida dos seus auxiliares, conseguira fechar o circuito telegrafico — Burí, Itapetininga, Capão Bonito — assegurando o trafego de trens e camiãoões, que efetuaram, em perfeita ordem e segurança, a retirada das tropas, material de guerra e abastecimento, como si aquilo fosse manobra realizada em tempo de paz. Leopoldo Silva, na sua simplicidade, era um bravo. E um grande patriota.

21 DE AGOSTO — O tempo está ficando agradável. Já não chove. Os dias são quentes. E a noite faz um friozinho gostoso. Estão saindo batalhões, companhias isoladas, para ocupar novas linhas, organizadas após o retraimento. Tenho a impressão de que em breve entraremos em ação. Por enquanto, o «Fernão Salles», só teve escaramuças.

Encontrei o Cassio Rocha Mattos. Está trabalhando no SATO (Serviço de Abastecimento das Tropas em Operação) E' uma bela organização, que está realizando

um bom serviço. Dois aviões paulistas (pequeninós), sobrevoaram Capão Bonito. Um deles era pilotado pelo Cap. João de Quadros, que em sua meninice residiu em Botucatu.

IV

22 DE AGOSTO — Pelas notícias do *front*, as tropas sulistas, da Ditadura, estavam fazendo grande pressão sobre nossas linhas, que se retraíam pouco a pouco. Alguns ditatoriais capturados, informavam que as tropas de Getúlio eram formadas por corpos do Exército e polícias gaúcha, do Paraná e Santa Catarina, contando cavalaria e muitas peças de artilharia. Urgia reforçar nossas defesas. Por isso, novo movimento de tropas se verificou. A primeira companhia do «Fernão Salles», incluída no destacamento do Major Amaral, da Força Pública, começou a se deslocar para o flanco esquerdo, em direção á Serra do Mar. A marcha, a pé, foi um bom *test*, para provar a resistência dos voluntários, que carregavam nas costas todos os seus tróços, armas, etc. A primeira foi de quinze quilómetros. O pernoite foi no Ribeirão Grande, onde a tropa chegou esfalfada.

23 DE AGOSTO — A companhia continuou marchando. Fazendo exercícios de campanha, pois os rapa-

zes, destreinados e bisonhos nas lides militares (muitos nem reservistas eram), necessitavam de alguma prática para os proximos embates. Marcha de quinze quilometros. Pernoite em Sitio Velho. Muitos cálos arruinados causaram as botinas reúnas, na longa caminhada.

24 DE AGOSTO — Dia feio. Brusco. Uma chuva contínua, impertinente, agravava o frio proprio da região. A tropa marchou uma legua mais ou menos. E acantonou nos «Candidos». Um pelotão foi mandado para os «Cravos», logo mais adiante. Medidas de segurança foram tomadas, pois o inimigo estava proximo, como logo teriamos a prova.

25 DE AGOSTO — O dia transcorreu sem novidades. O pessoal passou o dia limpando o armamento. Os fuzís velhos e descalibrados, os F. M. e a unica metralhadora pesada da Companhia, foram postos em condições de atirar. Algumas patrulhas foram lançadas para reconhecimento. Instruções foram dadas aos voluntarios, para o caso de um ataque de surpresa.

26 DE AGOSTO — A Intendencia do «Fernão Salles», estava localizada entre Capão Bonito e Guapiára, num sitiéco abandonado. Recebi ordens para acompanhar um pequeno grupo, que ia estabelecer ligação com o Posto de Abastecimento. Um vaqueano da região, seria o guia, por meio dos trilhos e carregadores, na máta e nos campos. Alguem precisava saber onde ficava a Intendencia, pois se o soldado não briga diariamente, deve comer duas vezes por dia.

A caminhada foi realizada sem incidentes, em algumas horas. A Intendencia do nosso batalhão abarrotou dois cargueiros, do mais necessario para o rancho da rapaziada. Regressamos pela tardinha. Ao longe ouvia-se o matraquear das metralhadoras em algum lugar da imensa frente.

Na Intendencia tive informações da Segunda Companhia. Parte da mesma estava fazendo exercicios com granadas de mão e morteiros. Num milagre de improvisação, o parque industrial de S. Paulo, transformado em industria de guerra, estava fabricando material bélico, engenhos de guerra, para suprir nossa gente, tão carecedora de armas e munições. Soube que um grupo de voluntarios fôra requisitado pelo Comando do Setor, para trabalhar como motoristas, conduzindo automoveis e caminhões, e dirigindo tratôres. Havia grande movimento de tropas. Estradas estavam sendo construidas febrilmente. Linhas de trincheiras se escavavam nas margens do Paranapanema e rio das Almas. A população rural, civil, se apresentára para trabalhar na sápa. Só mais tarde é que soubémos que critica era a situação dos paulistas no Setor Sul. E daí a construção de nóvas linhas de defeza, na previsão de futuras retiradas, inevitaveis.

Um engenheiro botucatuense, o capitão Mario Ricci, num batalhão de engenharia, estava dirigindo a construção de linhas telegraficas na zona Guapiára-Capão Bonito, estabelecendo comunicações entre os varios batalhões, destacamentos e Comando Geral. O meu mauo Jayme e o meu tio Lucidio Paes, requisitados, passaram a servir

no QCM, (Quartel Central de Motoristas), trabalhando no transporte de tropas na zona de guerra.

Quando chegamos aos «Candidos», o ambiente era de tensão. O pessoal, macambuzio, numa ansiôsa expectativa, pouco falava. E recebemos más notícias. No correr do dia, uma patrulha nossa (3 soldados e um sargento), desaparecera na máta. Provavelmente caíra prisioneira dos inimigos. Eles estavam muito proximos, a uns treis quilometros, segundo averiguações. Foi um alarme. Imediatamente, medidas de segurança foram tomadas: — sentinelas dobradas, patrulhas rondando a noite toda; distribuição de munições; estabelecimento de senhas e contrasenhás, etc. Mas a noite passou sem novidades.

27 DE AGOSTO — Pela manhã chegou o correio militar. Distribuição de cartas e presentes para alguns soldados. De uma familia amiga recebi um cachecol. Veio na hora, pois o frio é cortante, neste fim de agosto. Na zona de Apiaí-Guapiára, chove constantemente e a temperatura é sempre baixa. Como consequencia, e por causa da fadiga, alimentação deficiente, tensão nervosa, muita gente adoeceu.

Pela tardinha, um alvoroço foi notado no PC (posto de comando). Reaparecera o sargento Martins, um dos aprisionados na véspera. Conseguira fugir. E noticias valiosas deu ao nosso Comandante. Prontidão. Vigilancia. Um ataque era esperado a todo momento. Entretanto, em calmaria, transcorreu a noite.

No ar, pairava qualquer coisa, denunciando bréves

e graves acontecimentos. As pipócas iam arrebentar de uma hora para outra.

V

28 DE AGOSTO — Domingo. Pela madrugada, nossa gente, ocupava as posições designadas pelo comando. As patrulhas localizaram o inimigo a menos de meia légua, preparando-se para avançar. A's 9 horas, mais ou menos, uma patrulha n'ossa aprisionou dois soldados da policia paranaense, que tinham se distanciado de suas linhas. Os prisioneiros conduziam um cargueiro com dois cunhetes de munição. Ótima presa de guerra, para o momento.

A's 10 horas, começou o tiroteio. Era fuzilaria, apenas, não se ouvindo armas automaticas. Em meio do mato rálo, não se divisavam os combatentes. Durante o dia, em combate, é ferido gravemente o aspirante Abraão Antonio Correia. Lutára bravamente. Medicado, de urgencia, é removido para o Hospital de Sangue, de Capão Bonito. Alguns feridos leves, são medicados no posto de saúde, junto ao PC.

O fogo, com intermitencias, durou o dia todo. A' boca da noite, começaram as primeiras rajadas de metralhadoras. As *pesadas* matraqueavam, varrendo nossa

linha. As balas atingiam o PC. A's 22 horas recebemos ordem para transferir a Intendencia e o Posto de Saúde, para a retaguarda. Um temporal medonho dificultou a mudança. Mas foi a sorte, porque abrandou a fuzilaria inimiga. Patinhando no lamaçal, na escuridão, a marcha era de amargar. Pela madrugada nos abrigamos nuns ranchos abandonados. Com o clarear do dia, verificamos que estávamos num chiqueiro! Completamente emporcalhados, molhados e enlameados.

29 DE AGOSTO — Pela manhã, um elemento de ligação, transmitiu a ordem para conduzir os doentes e feridos para Capão Bouito. A situação era insustentável na frente. Estávamos sendo envolvidos. Tomávamos balas pela frente. Pela esquerda e pela direita. Até o PC estava sendo atingido. A falta de munições e a superioridade em homens, dos ditatoriais, obrigariam a uma próxima retirada. E foi o que aconteceu.

Chovia torrencialmente. A marcha, a pé, era penosa. O pessoal, em jejum, tiritava de frio e febre. Na estrada de Guapiára, encontrei uma cara conhecida. Era o Nenê 7 Palhetas, motorista botucatuense. Estava no batalhão «Marcilio Franco» e conduzia um caminhão de viveres para sua unidade. O Nenê me informou que ali por perto ficava a Intendencia do Batalhão Ituano, onde poderíamos arranjar alguma coisa para comer. Tocamos para lá. E qual não foi minha surpresa, quando fui recebido por um tenente, que não era outro senão o dentista Augusto Engler de Vasconcelos, voluntário de Itú, sua terra natal. O bom amigo nos recebeu muito bem.

Depois de um café, com duas mãos, reconfortante, conseguimos condução num caminhão, para Capão Bonito. No batalhão ituano, conheci Nha Chica Messias, mulher de idade, que, fardada e armada de revolver, acompanhava os seus «meninos». Mulher valente. Foi até o fim da campanha.

Em Capão Bonito, entreguei os doentes no Hospital. E baixei á enfermaria, também. Com uma congestão pulmonar. Que deveria me prender no leito varios dias, conforme determinação do Dr. Eurico Bastos.

30 de AGOSTO — Recebo a visita do Dr. Osvaldo Lange, que, com o Dr. Jarbas Barbosa de Barros, eram do Corpo de Saúde do «Fernão Salles». Mas, esses dois jovens médicos, abandonaram a medicina e se meteram nas linhas de combate. Dando duro. Lutando a valer. Bons paulistas, cujo idealismo e coragem eram contagiantes, eram queridos pelos seus comandados.

31 DE AGOSTO — Recebi a visita do meu mano Jayme. Estava na segunda companhia do Batalhão. Contou-me que a situação era difícil no setor. Na seraria do Candóca, no Fundão, combates terríveis tinham sido travados e os paulistas, sem armas e nem munições, aos poucos iam sendo obrigados a recuar. Para novas linhas de defeza, entrincheiradas, que estavam sendo organizadas na retaguarda, no Rio das Almas e no Paranapanema.

A' noite, a situação no setor de Capão Bonito tornou-se pessima. Foi decidida a evacuação da praça. Em caminhões, procedeu-se à retirada dos doentes e fe-

ridos. Viagem acidentada. Rumamos para Gramadinho, onde chegámos a meia noite. A turma se arrumou como poudes. A confusão era geral.

No QG do general Milton de Freitas Almeida, que assumira o comando da frente, febrís providencias eram tomadas para normalizar a situação, que parecia muito séria, ou melhor, gravíssima. Batalhões inteiros haviam desaparecido nos entrevêros. O desanimo era geral.

VI

1.º DE SETEMBRO — Em Gramadinho, pequeno distrito de paz, febrilmente trabalhavam os chefes militares, reorganizando a defeza. Os batalhões eram recompostos. Os destacamentos entregues a novos comandantes. E os soldados foram ocupar as trincheiras construidas no Rio das Almas. Com outros doentes, fui removido para Itapetininga. Baixei ao Hospital, que funcionava no Colegio das Irmãs.

Nas conversas com os soldados doentes ou em licença, soube que no «Borba Gato», guarnecendo Porto Delfino, estavam alguns colégas da Faculdade de Medicina. Eram eles o Mario Prestes Cesar, de Itapetininga, e Antonio Pires de Campos e Antonio Jarbas Veiga de Barros (Tozé) botucatuenses.

Tambem lutavam no setor, o Fausto Conceição e

seu cunhado Tonico Morato Leite, que estavam com o pessoal de Agudos.

7 DE SETEMBRO — Tive alta pela manhã. Durante o dia, assisti ás comemorações da Independencia. Uma grande parada, das forças em repouso ou em transito, constituiu o ponto alto das comemorações. A' tarde, com outros soldados, rumamos para o acampamento no Rio das Almas. Soubemos que o setor estava calmo. E nem chóques de patrulhas tinham se verificado.

9 DE SETEMBRO — Encontrei-me com o mano Jayme. Ele tinha sido requisitado pelo Q.C.M. (Quartel Central dos Motoristas), para conduzir caminhões, auxiliando no transporte de trópas e de viveres, na extensa frente. Finda a tarefa, voltara ao «Fernão Salles», para a sua Companhia. Contou-me o rapaz, que em Bury os combates eram duros e que o trem blindado tinha feito furor.

12 DE SETEMBRO — Até agora o setor andára em calma. Mas os sinais de proximas atividades já se anunciavam. De longe em longe, tiros de sentinelas. Fogo de inquietação. Aviões em reconhecimentos. Um vermelhinho, jogou umas bombas, longe.

Pela manhã, no clarear do dia, uma patrulha nossa tiroteou com uma tropa gaúcha. O sargento Piccinim (de Rubião Junior), levou uma bala no rosto. Depois dos curativos de urgência, foi hospitalizado, apesar de ser bom o seu estado. O hospitalzinho de emergencia foi localizado no Turvo dos Colaços.

13 DE SETEMBRO — Sem novidades no *front*. Na ausencia dos drs. Oswaldo Lange e Jarbas de Barros, que estão como combatentes, a enfermaria do batalhão ficou a meu cargo. São muitos os doentes. Bronquites. Gripes e resfriados. Piodermites, em consequencias de picadas de carrapatos. Casos banais de desinterias.

A' tarde fui á linha de frente. Corri as trincheiras, batendo um papo com os amigos e conterraneos. O moral da turma é excelente.

14 DE SETEMBRO — Os dias são bonitos e quentes. Passou o periodo de chuvas, que tanto castigavam os combatentes. A alimentação do batalhão é bôa e abundante. Os cozinheiros (Julio, de Agudos, e o Paulista, gerente das Casas Pernambucanas em São João da Boa Vista), opêrando milagres de culinaria, recebiam os elogios de todos. Na enfermaria, os doentes em franca recuperação, passavam o dia em longas conversas, onde se falava de tudo, menos nos combates.

Um grande alvoroço em toda a trópa, ocorreu com a chegada do pagador do Batalhão. Veio dinheiro para a soldadesca. Dinheiro em «Bonus Paulistas». E com isso, muito animados eram as partidas de sete e meio, vinte e um, poker e outros jógos carteados, onde quasi todos se empenhavam para matar o tempo. Não havia viva alma nas redondezas, alem dos soldados. A população civil, amedrontada, ha muito se havia retirado para outras paragens mais favoraveis.

15 DE SETEMBRO — Desde cêdo que o fogo bravo crepita nas trincheiras. O Batalhão «Fernão Sailes»

recebera ordens para avançar. A ofensiva é secundada pelas demais tropas do setor. O tiroteio é intenso. As metralhadoras matraqueavam constantemente. E as rajadas de F. M. eram percebidas facilmente.

Começaram a chegar os feridos. Lafayete de Paula, com o braço fraturado num acidente, puxa o dr. Vergueiro (de Sorocaba), que estava manquitolando. Um estilhaço de granada, arrancara-lhe o salto da botina e rasgara o calcanhar. Alguns praças do 8.º foram removidos incontinenti para Itapetininga.

Bonita a avançada da Força Pública, brilhan temente secundado pelo nosso batalhão. Jayme e os outros, firmes nos pontos avançados que guarneciam. São tomadas varias trincheiras inimigas. Mas... No melhor da progressão começa a escassear a munição. E para o cumulo do azar, a artilharia inimiga entra em cena. Troam os canhões inimigos. E os paulistas só empregavam morteiros e granadas de mão, produtos da improvisação bandeirante. O batalhão santista, do major Alipio, começou a recuar anulando todo o esforço. O pessoal de Mato Grosso, á direita, lutou bem, apesar de um bom contingente ter pirado. O batalhão «Taunay», sustentava-se com um pouco de dificuldade.

No final do dia, abrandou a fuzilaria, voltando nossos soldados ás suas primitivas posições. Dando balanço, verificou-se que o soldado Pradinho, de Campinas, da nossa unidade, e dois praças do «Taunay», tinham morrido em ação. Feridos em quantidade. O Tenente Cirtra, da 1.ª Cia., caira prisioneiro dos gaúchos. O Tenente Lange, depois de aprisionado, conseguira fu-

gir, tendo sua retirada garantida pelo Tenente Americo de Souza e Silva, que, bravamente, sustentava o fogo em seu posto avançado. A' noite, com tiros de inquietação, passou sem maiores percalços. A tropa, exausta, repousava em semi-vigilia.

VII

16 DE SETEMBRO — Passei o dia na frente. O fogo pipocou o dia todo. Fuzilaria e artilharia, varriam nossas trincheiras. As tropas constitucionalistas respondiam com descargas de fuzís, ritmadas e simulando rajadas de F.M. Apenas duas metralhadoras pesadas possuía o «Fernão Salles». E dois canhões de 75,

constituíam a artilharia paulista em toda a extensa frente. Sem comentários.

A segunda companhia, onde estavam os botucatuenses, sob o comando do valente tenente Batista, suportava corajosamente os impactos do bem arrumado inimigo. Numa trincheira avançada, estava o Jayme, promovido a sargento. Calmo e decidido, respondia ao fogo dos gaúchos. Para agravar a situação, surgiram os aviões da ditadura. Bombardeio aereo. Treis vezes: - cêdo, ao meio-dia e a tarde. Na ultima vez, o nosso PC, recebeu varias rajadas de metralhadoras. Felizmente não houve vitimas.

Á tardinha, amainou o combate. A artilharia inimiga, que fizéa uma centena de disparos, silenciou os canhões. E foi possivel, retirar os doentes e alguns feridos, para a enfermaria de emergencia.

17 DE SETEMBRO — Logo pela manhã, recommçou o tiroteio, que foi aumentando de intensidade com o correr das horas. Bitencourt e Aimbiré, são feridos, levemente. Novas granadas atiradas pelos aviões, sem dano algum. Mas que a turma tinha medo dos aviões, isso era verdade. O dia se findou, sempre com o combate engajado. Alguns disparos de artilharia e rajadas de metralhadoras pesadas, castigaram severamente os homens das trincheiras avançadas. No flanco direito, onde estavam o Batalhão Santista, o «Taunay» e soldados de Mato Grosso, a luta era intensa, complicando cada vez mais a situação. Muitos mortos foram contados. Um hungaro, ao lado de um morteiro, estava decapitado.

18 DE SETEMBRO — Domingo. A luta prosseguiu violenta, prolongando-se por todo o dia. Os ditatoriais organizaram um avanço, precedido por fogo de artilharia, que varria nossas linhas. Pela tarde, a situação dos paulistas era critica. Após 12 horas de fogo, os soldados estavam exaustos e desanimados. E a pouco foram cedendo terreno, com muitas baixas. Mortos? Desaparecidos? Extraviados? Prisioneiros? Quem o sabe? Á noite, ordem de retirada, para cá do Rio das Almas. Para as trincheiras preparadas nas barrancas do Paranapanema. Sofremos perdas lamentáveis. Numa trincheira avançada, garantindo a retirada, estava um grupo de combate, comandado pelo tenente Hadad. Este e mais oito companheiros caíram prisioneiros do 14.^o R. C., de D. Pedrito, no Rio Grande do Sul. Entre os nossos que ficaram e foram parar na ilha das Flores, figuravam o Sargento Piccinim e o Pedrinho Homem (este rapaz deixára o «Marcilio Franco» e entrára para o «Fernão Salles», para ficar com os contreraneos).

Domingo sempre foi dia aziágo nestas operações.

19 DE SETEMBRO — Na barranca de cá, do Rio Paranapanema, a trópa repousava. Não foi inquietada. Graças a Deus. Mas todo mundo estava triste.

20 DE SETEMBRO — Aviões inimigos evoluíram sobre nossas linhas. Não metralharam. Faziam reconhecimentos aéreos, o que para nós era impossível realizar.

Chegaram tropas do 4.^o R. I. Dizem que vieram canhões. Será que as coisas vão melhorar? Ha calma no ambiente. Os soldados lavam roupa. Tomam banho. E

catam carrapatos. Estes bichinhos escalavram os combatentes e causam tantos males quanto as balas inimigas.

21 DE SETEMBRO — Por ordem superior, foi recambiado para Itapetininga, para exclusão, o menor José Moraes Silva. Tinha 16 anos. Deu tiros como gente grande. Valente como que. Era exemplo para muito marmanjo, que na hora da onça beber agua só pensava em pirar.

O batalhão «Fernão Salles» continua ocupando suas trincheiras na margem direita do rio Paranapanema. A' noite fui visitar o mano Jayme e outros amigos. Estavam esperando algo de anormal para a noite.

Na boca da noite, já escuro, muitas tropas abandonaram a posição. Devido a uma interpretação errada de uma ordem, as trincheiras ficaram desguarnecidas. Só a 2.^a Companhia do «Fernão Salles» ficou nas posições. Eram uns oitenta homens. Entre eles, Jayme, Hugo Celidonio, Cintrinha, dr. Jarbas, os irmãos Sant'Ana e outros.

Entreguei ao Jayme as cartas chegadas ultimamente. Havia cartas da Ina (esposa dele), lidas sob zunidos de balas. O mano de contente, com as novas, deu uma rajada para lá, assim como quem diz: — Tôpo a parada.

Pela *sápa* deixei as trincheiras e regressei para o acantonamento. No caminho encontrei as tropas que iam reocupar suas posições. Teria havido sabotagem? Ou lamentavel engano?

A noite decorreu mais ou menos calma. Tiroteios esparsos. Nenhuma baixa. Felizmente.

VIII

22 DE SETEMBRO — O dia decorreu mais ou menos. Sem grandes novidades. Muitos *peixes*, isto é boatos. O Julio cozinheiro apostou que Getulio seria deposto hoje, pois havia noticias de um levante no Sul, coisa que aliaz, não passou de um *bluff*. Pelo meio dia, o Rev. Isaac do Vale, que prestava assistencia espiritual ás tropas, chegou com o correio militar. O velho pastor protestante nos contou que circulavam muitos *constas*, sobre movimentos armados no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e no Pará, onde a Revolução Constitucionalista contava muitos simpatizantes. Infelizmente tudo era boato, como mais tarde iriamos saber.

Apreciamos a passagem de algumas péças pesadas, nossas, que iam guarnecer alguns setores. Caminhões, durante o dia, passaram transportando muitos soldados. Era preciso reforçar a linha do Paranapanema, para evitar a quéda de Itapetininga. Em todos os batalhões, repercutira favoravelmente a Ordem do Dia do General Klinger, mandando «sustentar o fogo, que a vitória é nóssa».

23 DE SETEMBRO — Chuva. Muita chuva. Desde pela madrugada o fogo está pipocando. Os inimigos tentaram violenta ofensiva. Mas foram rechassados para suas posições, de onde continuaram hostilizando o dia todo. Á tarde, debaixo de chuva, num caminhão, fui á Itapetininga, conduzindo varios doentes. Consegui tres dias de licença, para cuidar de meus negocios particulares que

tinham ficado completamente abandonados. Eu nunca pensára, e os outros também, que a luta durasse tanto.

24 DE SETEMBRO — Em Itapetininga, o ambiente era triste. A velha cidade dos Préstes, ameaçada, perdera aquele aspécto característico de cidade dos estudantes. Era um praça de guerra, com todas as limitações que impunha aos seus moradores. Entre eles figurava o farmaceutico José Dias Ferraz, o Gica, irmão do Esdras Dias Ferraz, que me proporcionou fidalga acolhida, hospedando-me, e me proporcionando um conforto que não encontraria em outro lugar, naquela emergencia. Encontrei-me com o Ernesto Cassáro, boiadeiro, que estava servindo no 2.º B. C. R.

Pelo telefone, conversei com mamãe. Deu-me boas noticias. Em Botucatu, tudo em paz. E apesar dos pezares, confiavam na vitória. Papai déra todas as suas jóias de estimação, para o «OURO DA VITORIA». O mano Carlos estava trabalhando na Delegacia Técnica, como auxiliar de confiança do Major Assumpção. Alguns *valentes patriótas* já estavam regressando para casa, em licenças que não tinham fim... Reconfortado com as palavras animadoras e com as benções da mamãi, da nossa querida D.^a Amélia, que se mostrava animada e confiante, senti-me encorajado para levar a jornada até o fim, vivendo aquele drama de todos os leais e bons paulistas.

* * *

A proposito dos combates de 22 a 24 de setembro, no setor confiado ao batalhão «Fernão Salles», transcrevo

a carta abaixo, do meu irmão Jayme de Almeida Pinto. Encontrei-a no arquivo de meu falecido e saudoso pai, constituindo um valioso depoimento do que foram aqueles dias duros e emocionantes.

Setor de Capão Bonito, 24 de setembro de 1932.

(Hora de folga)

Meu querido pai.

Nós, ou melhor, eu, Tião e companheiros da terra, gosamos saúde e cada vez mais entusiasmados com esta gloriosa revolução constitucionalista, de que somos sincéros soldados e defensores da Redenção do Brasil.

Hoje recebi uma carta de Ina, do dia 18 e por ella fiquei ao par dos acontecimentos e novidades dahi, e, tambem, que todos passam bem, o que espero em Deus continue:

Meu pae. O meu palpite é que a aurora da nossa vitoria logo ha de raiar, se Deus quizer. Estamos resistindo muito bem. O soldado constitucionalista é formidavel. Este papel é pequeno para mim falar sobre nossa gente. Quando regressar para casa contarei com todas as minucias e detalhes os dois combates, que o valente segundo pelotão (a que pertenco), da segunda Companhia deste respeitado «Fernão Salles», que está honrando o glorioso soldado que tombou no campo da lucta, manteve com o inimigo, desde o cair da tarde do dia 22 até o amanhecer do dia 24. Fuzilaria, metralha e bombardeio em cima. O nosso pelotão, responsavel pela

primeira trincheira avançada desta frente, por onde o inimigo forcejou ferozmente, combateu bravamente. Com a fuzilaria cerrada, o comando atacante deu ordem de avançar e callar baionetas, isto a uns cincoenta metros de nós. Nessa hora, o nosso valente tenente Racy Alves, que em pessoa manejava um F. M, e dirigia o fogo, ordenou por sua vez, o lançamento das granadas de mão de que estavamos e estamos municiados. Ahí é que foi a hora do sucêso. Os taes, com grandes baixas e feridos, foram completamente rechassados. Recuaram imediatamente. Esse foi o primeiro combate.

Mas voltaram mais tarde, apenas com menor furor. Pareciam desanimados. E foram novamente desbaratados, retirando-se com o moral abatido. Eram soldados do norte, conforme declarações de um prisioneiro.

Papae. Elogio em boca propria não adeanta, mas segundo expressão do nosso tenente, seu filho portou-se na altura. Depois disso, não mais hostilizaram nossa trincheira.

O meu apelido de guerra, oriundo da trincheira, por causa do cavanhaque e barbicha rala é o de *Genésio Arruda*. Todos os companheiros tem o seu apelido. Já mandei contar isso a Ina, mas penso que ela não recebeu minha carta.

Lembranças a todos. Até breve meu pae. Viva a Revolução Constitucionalista, que ha de vencer em toda a linha. O senhor e a mamãe abençoem o filho

Jayme.

N. do A. — Foi respeitada a ortografia da época

IX

26 DE SETEMBRO — Regresso á minha unidade. Viajo num caminhão da Legião Negra, que atuava no Setor. Encontro-me com o José Rocha, funcionario postal e dentista, com consultorio próximo á Casa Cavallini e que era tenente e um dos poucos brancos da Legião Negra.

Já na chegada, no Turvo dos Collaços, ouvimos o ronco de um avião: Era o famigerado vermelhinho. Tinha metralhado a intendencia e o posto de saúde do «Fernão Salles», sem atingir os objetivos. O bicho vinha voando baixo. Suspeitando dos máus intentos do piloto, de acordo com as instruções que nos deram, paramos o caminhão. Saltamos e procuramos abrigo. Tomei posição em baixo do velho Ford. Alguns companheiros atiraram-se num banhado que margeava a estrada, sumindo no meio das tabôas. Corria a noticia de que no bréjo, as granadas atiradas não explodiam...

O avião passou roncando, em vôo razante, mas não metralhou. Felizmente tudo não passou de um susto.

Mas o maior susto, foi mesmo o de um cabo da Legião Negra. Na ansia de escapar do avião, o rapaz atirou-se no bréjo, quasi em cima de uma enorme jaracussú, que, ameaçadora, deixou o negro báio de medo e bambo das pernas...

Soubémos depois, que o «vermelhinho» metralhára lógo mais adiante, o P. C. de um batalhão vizinho, causando alguns mortos e feridos. O velho Alonso de Camargo (irmão do ex-interventor Laudo de Camargo), morrera estraçalhado, juntamente com um rapaz Penteado, de Limeira. Foram levados ao cemitério num saco, ao que diziam.

Estive nas trincheiras, batendo um papo com os amigos. Todos animados. E com o moral elevado. Havia uma esperança de bréve cessação da luta. As noticias corriam céleres. Cada peixe!! Todos faziam seus planos para quando viesse a paz. Seria uma desforra monstro, compensadora daqueles treis mezes de sujeira, provações, canceiras e durezas. Os solteiros antegozavam umas faras daquélas, isto, naturalmente, depois de uma boa passagem pelos banheiros carrapaticidas... Distribuí aos amigos alguns cigarros bons, que trouxera de Itapetininga. Foi um achado. A turma estava saturada de cigarros Aço, e outros quebra peitos que eram *pagos* pelo comando.

A noite transcorreu calmamente. Apenas tiros de inquietação. Aliaz, fazem já 3 dias, que os ditatoriais estão inativos. O que haverá? Terão cabimento os boatos de paz que andam correndo?

27 DE SETEMBRO — Sem novidade de monta. A nossa artilharia (2 canhõesinhos de 75) fez alguns

disparos. Os aviões continuam fazendo reconhecimentos. E' bom que se nôte, que eram aviões inimigos, pois os paulistas não possuíam aviação, a bem dizer. Por experiencia propria, sabíamos que os reconhecimentos sempre precediam ás ofensivas ditatoriais. Por isso a turma começou a tomar suas providencias, para não ser apanhada de surpresa.

28 DE SETEMBRO — Continúa a calmaria. Nosso pessoal bem humorado, faz honra á boia, que é variada e sadia. Fator desse bom humor, é a bôa alimentação que sempre foi dispensada á trôpa, mesmo nas situações mais difíceis. Devemos isso, ao SATO (Serviço de Abastecimento das Trôpas em Operação). Excelente organização. Dirigida por homens de tino administrativo e infatigaveis trabalhadores.

29 DE SETEMBRO — O cabo Jesus, de Agudos, logo cedo me disse: — Hoje vái ter!

Começam a chegar más noticias. Na hora do rancho, soubemos que em Gramadinho, onde estava sediado o Q. G., soldados do 4.º R. I., tinham promovido violento conflito. Do tiroteio, cujas causas ignoramos, resultaram a morte do coronel comandante do mesmo regimento e ferimentos graves no General Milton de Freitas Almeida, comandante do Setor.

Ao meio dia, á nossa enfermaria de campanha, chegou o Reverendo Isaac do Valle, trazendo noticias sensacionais. Que causaram grande excitação no momento. Falava-se num armistício. Com imediata cessação do fogo. E um próximo fim da guerra fraticida.

Essa noticia foi logo confirmada oficialmente. E, fóra dos canáis competentes, soubémos que a Revolução estava no fim. Com os paulistas amargando a derrota. Com São Paulo, mais uma vez, pizoteado pelo tacão da Ditadura.

Os nossos soldados receberam ordens para não mais atirar. Mas deviam permanecer vigilantes, até ulterior deliberação. E foi bôa essa precaução. Pela tarde, os inimigos começaram a atirar. Demonstrando suas más intenções.

A's 9 horas da noite, o «Fernão Saíles» é violentamente atacado. Reage galhardamente. Uns 80 tiros de canhão, cobriram nossas linhas, sem provocar graves danos. Os projetís passavam zunindo, explodindo em angulo morto. Que negócio seria esse? indagavam os soldados; «que armistício é esse, que vem acompanhado de bombardeio?».

Dia 30 DE SETEMBRO — Calmaria no setor. Ansiosa expectativa. Seria verdadeira a noticia do armistício? Quais seriam as condições?

A' tarde os aviões inimigos sobrevoam as linhas paulistas. E lançam as suas bombas. O Fraguinha, do nosso batalhão, é ferido levemente. Mas um Capitão dos «Sapadores» e 3 soldados do 4.º B. C. V. (4.º Batalhão de Caçadores Voluntarios), são atingidos sériamente e removidos imediatamente para o Hospital de Saugue.

Continuamos esperando o suspirado armistício. E néssa espéra transcorreu o último dia do mês de setembro. O que nos trará outubro? Estarão findas as «retiradas estratégicas»?

X

1.º DE OUTUBRO — Iniciamos o mês numa terrível expectativa.

O setor está em calma. Nos nossos flancos, idem. As notícias eram sempre as mesmas. Boatos sobre o armistício. Pela tarde começaram a chegar os ecos dos últimos acontecimentos da Capital. Afinal, o que teria havido em São Paulo e nos outros setores? Nada sabemos de positivo. E por cima, o nosso Comandante, o bravo Coronel Honorio de Castro, mandou redobrar a vigilância. E acabou dando ordens para reabrir o fogo.

À noitinha, começaram a passar viaturas vazias, com destinos á frente. Eram caminhões e mais caminhões. Numa procissão sem fim...

Alta noite, e pela madrugada afóra, se efetuou a retirada das nossas tropas. Para onde? Porque? O que teria acontecido? Ninguém sabia.

2 DE OUTUBRO — Continuou o movimento de tropas, rumo a Itapetininga. Prosségue a retirada. E nós do «Fernão Salles», nada sabemos. Nossos soldados continuam ocupando suas posições, vigilantes.

Até ao meio dia, pelo Turvo dos Colaços, onde estava nosso posto de saúde, já haviam passados inúmeros soldados. Dezenas de milhares. A gente da Legião Negra, do Borba Gato, do «Alipio», do 3º. B C.V., do

14 de julho, Bombeiros, do «Marcilio Franco» e outros batalhões.

Na boca da noite, chegou a ordem:— preparar para a retirada. Às 22 horas o «Fernão Salles» deixou as trincheiras, em pequenos grupos. O ultimo pelotão, e lá estava o Jayme Pinto, só saiu ás 23 horas. Tudo na mais perfeita ordem, calma e silencio. O caminhão, picégo, com um só farol aceso, roncou e rumou para Itapetininga. Sono, tristeza, amargor, era tudo o que o soldado paulista carregava nequela noite em que foi selado o fim do movimento Constitucionalista. Pela madrugada, 4 horas mais ou menos, passamos em Gramadinho. Incendiadas, ardiam algumas casas, queimando os arquivos do Q.G. ali estacionados durante muitas semanas. No romper do dia, cambaleantes de sono, com fome e desanimados atingimos Itapetininga. Na grama do jardim fronteiro ao prédio da Escola Normal, os soldados se atiraram ao repouso, procurando dormir um pouco.

3 DE OUTUBRO — Acordei móido. Desde o clarear do dia, que a velha cidade estava em polvorosa. Era uma balburdia geral. Confusão. Cáos. Desordem. Não havia mais comandante que pudesse manter a disciplina rigorosa que a situação exigia.

Assim mesmo, no entanto, a retirada da soldadesca ia se processando, mais ou menos. Os tres de tropas partiam apiuhados, com gente até em cima dos vagões. Cada qual que se arrumasse como pudesse. O pessoal do «Fernão Salles», o ultimo batalhão que deixou as trincheiras, dispersou-se. Cada um tomou o rumo que melhor lhe coavinha. Eu apanhei o trem que conduzia o Gene-

ral Cristiano Klingelhoefler (um grande soldado e valeroso chefe) e seu estado maior. Nesse trem, até Santo Antonio (hoje Iperó), viajei com Leopoldo Silva, que superintendia o trafego telegrafico no setor Sul e que me poz ao par dos ultimos acontecimentos havidos e que redundára na capitulação de São Paulo.

Em Santo Antonio, deixei a composição, que seguiu para S. Paulo. Fiquei aguardando uma possivel condução para Botucatu. Na estação, varios soldados de varios batalhões, nas mesmas condições, aguardavam um problematico transporte para suas cidades. Falava-se que á noite correria um trem para Botucatu, para conduzir os soldados constitucionalistas de retorno aos seus lares. E enquanto esperavam, dormiam, extenuados nas lages da plataforma.

Um amigo e conterraneo encontrei em Santo Antonio. Era o Mario Corraine, funcionario da Sorocabana, que me hospedou, dando-me um gostoso jantar, como ha muito não comia.

Á noite, bem tarde, passou o anunciado trem. Vinha cheio. Transbordando. Abarrotado pelo pessoal que demandava suas cidades... Encontrei-me com muitos botucatuenses, que tinham lutado no Norte, no Sul, na Coluna Romão Gomes, em Itapira... Alguns companheiros do «Fernão Salles» e entre eles o mano Jayme, vinham no trem, o que foi motivo de alegria dentro da grande magua dos vencidos.

De manhãzinha, o lento comboio chegou a Remédio. Recebemos a noticia de que Botucatu estava ocupada pelas tropas do Governo Federal. E não se sabia como

seríamos recebidos (se prisioneiros ou se iríamos em paz para casa). Em Alambari, o trem ficou retido, aguardando ordens.

Eu e mais alguns companheiros, saltamos. Da estaçãozinha até Botucatu, a distancia era de vinte quilometros. Coisinha, para nós... Resolvemos bater a pé para casa. Mas antes, na casa do Luiz Ramauzini, que tinha uma sapataria em Alambari, tomamos um gostoso café. Do grupo, que ali tomou as ultimas decisões para a ultima retirada estrategica eu me lembro dos seguintes:— Maneco Paes, Germinal Serrador, Jayme Pinto, Orlando Pinheiro Machado, Olavo Ponciano, Julião Pires, e outros cujos nom's me escapam.

Metemos opé na estrada, na manhã ensolarada. Eu, Jayme e Germinal, tocamos para a fazenda da Indiana, de propriedade de meu pai. Lá, almoçamos. Jayme, mudou de roupa, e em trajés civís, tocou-se para a cidade, para rever a esposa e filhos. Germinal foi para a fazendinha do pai, o Emilio Serrador. Depois de um banho cá na cama, onde dormi 30 horas seguidas... Acordei, saudado pelo sorriso cordeal do velho Sebastião Pinto Conceição, meu saudoso pái, que viéra me buscar. A cidade estava livre. E minha mãe me aguardava ansiósa e contente. Terminára, para ela, o pesadelo em que vivera quasi três mezes.

Do grande drama de 32, da epopeia paulista, guardo como lembrança, meu capacete de aço e minha caderneta do Batalhão Universitario «Fernão Salles», onde está escrito:—

«Serviu e defendeu S. Paulo, com honra e dignidade».

Batalhão Universitário "FERNÃO SALLES"



Nome Sebastião Pinto de Azevedo

Nacionalidade brasileiro

Filiação Sebastião Pinto Gonçalves de Azevedo

Estado Civil solteiro

Idade 29 anos

Côr. branco

Residência Botucatu, Estado de São Paulo

Serviço e dependência Militar

Com honra e dispensa

Exp. 11/11/50



X I

Documentos comprobatórios da atuação do voluntário Angelo Martin

1.0

Ao prezado camarada
Sr. Tenente Angelo Martin.

E' com satisfação que venho afirmar a sua atuação firme no seio da tropa sob meu comando, desde quando, em meados de setembro passou a pertencer ao batalhão «TENORIO».

Na defesa do setor denominado «Ponte da Campininha» — o mais aspero talvez dos trechos do Para-

napanema entregue á guarda do nosso Batalhão ou na memoravel noite de 30 de setembro, que precedeu, numa marcha noturna forçada — o dia 1.º do corrente — cheio de lutas intensas, o seu valor ficou comprovado mais uma vez, ao enfrentar e deter o inimigo muito mais poderoso no lugar denominado «Perigo».

Nesses dois pontos onde a sua ação se fez sentir, só tive motivo de justo orgulho em ter tido sob meu comando official tão valente e de tanto valor.

Atenciosas saudações.

Major Tenorio de Britto.

S. Paulo, 19/10/1932.

(Firma reconhecida)

2.0

2.^a Região Militar

2.^a Divisão de Infantaria

Setor Sul

Destacamento Klingelhoef

Meu caro Camarada

Tenente Angelo Martin.

Pede-me, o distinto Camarada, que lhe escreva á titulo documentário, algumas linhas afim de recordar os arduos e penosos dias, nos quaes, de armas nas mãos, opunhamos nossos peitos, como uma muralha de aço, para a defeza da gloria e da integridade de São Paulo e para a grandeza do Brasil.

Recordo-me da lucta titanica de Carmillo, onde o meu Camarada conquistou de sabre em punho, os galões de Tenente, justa e merecida recompensa de seu valor e de sua formidavel abnegação.

Poucos, bem poucos, aqui em São Paulo, jamais farão idéia do que foram os dias 15 e 16 de Agosto, dias em que 850 voluntarios apoiados em uma unica peça de artilharia, ccm 54 tiros, resistiram ao embate de uma coluna de assalto de 4.500 homens de tropa de linha, que martelava nossas posições com 32 canhões.

A epopéa destes dias ficará como um padrão de

gloria para meus comandados e destes o meu nobre Camarada foi um dos mais brilhantes, dando um exemplo admiravel e sendo para o futuro uma certeza de dias mais felizes.

Apoiado em homens de sua tempera, São Paulo e o Brazil tudo podem esperar.

Aproveito a oportunidade para enviar-lhe o abraço de seu velho comandante e amigo

C. *Klingelhoefer*, coronel

(Firma reconhecida)

* * *

Uma carta que era um desabafo...

Nos arquivos do meu saudoso pai, encontrei a carta abaixo transcrita, verdadeiro desabafo do autor destas linhas, quando em setembro de 1932, em Itapetininga,

entrava em contacto com os «filhinhos de papá», todos oficiais de salão... Ei-la :

«Itapetininga, 3 de setembro de 1932

Minha boa mãe.

Recebi hoje sua carta. Confortou-me imensamente sua maneira de encarar os acontecimentos. Suas palavras me encorajaram bastante. Confiante, hei de aguardar o resultado da luta.

Hoje fui ao barbeiro. E derrubei a barbaça de 30 e poucos dias. Quasi que precisou ir por empreitada... Reservei, no entretanto, um cavanháque. Gosto disso. A senhora bem sabe.

Temos lutado bastante. O Batalhão Universitario «Fernão Salles», tem atuado brilhantemente. Foi elogiado em ordem do dia. E na classificação das tropas, pelos feitos realizados, estamos emparelhados com o 14 de Julho, o Borba Gato e outros batalhões de fama. A minha companhia realizou uma pesada excursão pelo sertão, executando ordens do alto comando. Cumpriu airoosamente a missão. Cansados, estamos agora gosando um merecido repouso.

Os nossos soldados são valentes. Não digo que se-

jam heróes. Mas arrostam tudo. Por isso é que eu fico satisfeito quando sei que são bem tratados por onde passam. A senhora, ahí na Casa do Soldado, prodigalizando-lhes bem estar, presta um serviço. A gente, na campanha, quando recébe agrados, fica muito agradecida.

O fumo aqui no Setor, é forte. Mas a tropa está confiante. E aguardando os acontecimentos que estão se desenrolando ao que dizem, no resto do paiz, capazes de mudar, de uma hora para a outra, a face das coisas.

Tenho encontrado varios médicos conhecidos, servindo nos batalhões. Alguns, nos serviços de saúde. Outros, como combatentes. O Prof. Felicio Cintra do Prado, (da Faculdade de Medicina) o Miguelão Coutinho, Oswaldo Lange, Jarbas Barbosa de Barros e outros, são combatentes, no duro. Mas, de um jeito ou de outro, todos cheiram a polvora de perto. Eu que o diga, Geralmente os postos de comando e de saúde, a intendencia, ficam um tanto distantes da linha de fôgo. Mas ha momentos em que todos entram na dança e fazem força porque o entrevêro é de morte.

Nós aqui, andamos safados, com os meninos bonitos, que são todos oficiais. Dá uma raiva danáda, ver os táis se exibindo em elegantes uniformes, barbeados e descançados, desfrutando comodas situações, enquanto outros vivem a vida dura da guerra. Enquanto os filhinhos de papái se divertem patrioticamente, nós outros aguentamos sujeira, carrapatos, provações e balas, fazendo das tripas coração. Mas o que mais nos deixa indig-

nados, é o pessoal do batalhão B.P.F.F. (Bate palmas e fica firme).

Como vão os meus negócios? Cuidem do seguro. Receberam meus vencimentos de agosto? Tenho visto muitos botucatuenses por aqui, dando duro nas trincheiras.

Sem mais, a senhora e papái abençoem o filho que se despéde dizendo: **ATÉ BRÉVE.**

Sebastião»

XII

O botucatuense Celso Conceição

Celso Conceição nasceu em Botucatu. Paulista dos bons. Decidido. Integrado no Movimento de 1932, deixou Goiás onde residia, e, vencendo mil dificuldades, chegou a S. Paulo para lutar contra a Ditadura. Celso faleceu ha pouco tempo. Em sua memoria, de bom com-

batente das boas causas, transcrevemos de um numero do «O Estado de S. Paulo», de julho de 1932, a seguinte nota:

A ODYSSEIA DE QUATRO PAULISTAS DESEJOSOS DE SERVIR À SUA TERRA

Ha quatorze dias que S. Paulo dá ao Brasil e ao mundo inteiro uma demonstração de civismo e vitalidade.

O movimento constitucionalista irrompido em Piratininga, no dia 9 deste mez, é o maior lance de nossa historia, revelando o patriotismo e a honra de um povo, nunca ultrajados.

Quando S. Paulo appello para seus filhos em nome dessa causa santa, verificou-se, então o spectaculo mais commovedor que se possa imaginar — o milagre surpreendente da unificação dos paulistas, accorrendo, transformados n'um só homem, ao brado de guerra contra os usurpadores dos destinos nacionaes.

Desde os primeiros instantes, assistimos a episodios memoraveis de sacrificio e desprendimento, mostrando o paulista a sua indole marcial e o seu idealismo incomparavel.

Os batalhões partem, uns atraz dos outros, cada qual mais valoroso e inflamado, sob as aclamações da cidade, cahidas como bençams de estímulo e conforto.

Os exemplos se succedem; partidos, ora de um coração de mãe, ora de esposa ou namorada, soando a palavra de ordem que é — morrer ou matar por S. Paulo!

As mulheres não podendo seguir para o «front», contribuem de todas as maneiras, alistando-se na Cruz

Vermelha e noutros misteres, com um desvelo sem igual, que chega ás raias do inverosimel.

E outra pagina glorificadora para a epopéa de S. Paulo, em prol da implantaçào, no paiz, da ordem constitucional, acaba de se verificar, tendo por personagens quatro jovens, dignos descendentes da raça de Fernão Dias Paes Leme.

Sua estupenda odysseá, por S. Paulo e pelo Brasil, merece uma referencia especial, porque encarna o animo do povo que pede, agora, de armas na mão, a volta imediata da Nação ao regime da Lei.

Trata-se de quatro rapazes paulistas que se atiraram pelos invios sertões de Goyaz, em demanda desta capital, afim de se alistarem no exercito. Moravam elles em Ipamery, onde eram funcionarios do «Baneo do Brasil». Chamam-se Celso Corrêa da Conceição, Jayme Barros Saraiva, Manoel Fuzzi e Vicente Crezzi.

As primeiras noticias que lhes chegaram da revolução foi atravéz das estações de radio da capital da Republica, todas mentirosas, explicando a exaltação civica de S. Paulo, como um movimento communista, e, tambem visando a separação de nosso Estado.

S. Paulo, porém, fez chegar a todos os recantos do paiz e do estrangeiro, a voz sã da verdade que era bella e demonstrava um esplendor patriotico, sem igual, despertando, ao rufar dos tambores e ao toque dos clarins, a alma guerreira do paulista, sempre nobre, sempre valente.

E elles partiram, então em viagem fatigante de seis dias, a pé, por caminhos abruptos, vadeando rios e

atravessando matagaes, n'um percurso de leguas e leguas, para se incorporarem, alfim, á bandeira invencivel que pugna pela reconducção da caudal revolucionaria ao seu primitivo leito.

Seguirão na primeira oportunidade, rumo ao campo da luta. Seguirão, heroes, em busca de novas glorias, deixando ou levando aos que ficam, ou aos que já partiram, a grandeza do seu exemplo, a coragem do seu patriotismo e o heroismo de sua fé.



GOUGATUENSES NO «FERNÃO SALLES». — *Judeus Feres de Casares Filho, Spaulinas A. Pinto, Jayme de Almeida Pinto, Argerico Souza e Silva, Sulpício Piccinini, Svir de de Oliveira, Escido Paes de Almeida, e Orlando Pinheiro Machado.*
(Nesta foto não figura Felizino Rosera).

XIII

A artilharia Paulista

Ha pouco tempo, no Palacio dos Campos Elyseos, dois soldados constitucionalistas, veteranos de 32 conversavam sobre o movimento que constituiu uma verdadeira epopéia bandeirante. Os dois voluntarios, Francisco de Paula Quintanilha Ribeiro, Chéfe da Casa Civil do Governador Janio Quadros, e o deputado Jayme de Almeida Pinto, Secretario da Agricultura, pertenceram ao Batalhão Universitario «Fernão Salles», onde tiveram destacada atuação em Guapiára, Capão Bonito, Rio das

Almas, Rio Paranapanema e outros lugares. Conversando, os dois homens publicos, lembraram o desembarque em Itapetininga, o tiroteio no Quartel do 8º. da Policia, quando os voluntarios, bisonhos, entraram em panico, ante a ameaça de um bombardeio aéreo. Improvisada uma bateria anti-aérea, por um official (improvisado), de Jaboticabal, com uma metralhadora pesada, foram feitos inumeros disparos para o ar e... para baixo tambem. E o resultado foi a morte do tenente Aristoteles Platony e ferimentos em muitos paulistas. A nossa defesa anti-aérea, causára mais baixas aos paulistas, que toda a aviação getulista..

Quintanilha e Jayme Pinto, falaram da pobreza de recursos bélicos dos paulistas, desprovidos de canhões, armas automaticas, aviação e até munição. A nossa artilharia, no Setor Sul, pelo menos, era ccisa de anedota. O destacamento do Coronel Kingelhoetter, contava com uma unica peça e no extenso setor só troavam, praticamente os canhões da ditadura.

A esse propósito, ouvi do Alfredo Antonio Marcolin, botucatuense, reservista de artilharia, que serviu em Jundiáí, algumas coisas bem interessantes. Eu me encontrei com o Alfredo Antonio Marcolin em Guapiára, na época, um pequeno distrito de paz, entre Capão Bonito e Apiaí. No povoado estava acampada uma guarnição do 2º. Grupo de artilharia, de Jundiáí, onde o Marcolin era artilheiro. O cõterraneo me contou, que toda a artilharia do Setor, constava de 4 peças de 75 mm., que eram deslocadas constantemente de um lado para outro para acudir ás necessidades prementes dos

batalhões em ação. No início da campanha de Jundiá tinham partido duas baterias. Uma, foi aprisionada logo no começo, adiante de Apiaí. E a outra, reduzida a quatro peças e com reduzido número de tiros, é que fez o barulho até o fim.

Havia, também, um canhão de marinha (parece-me que um cento e cinco), montado sobre uma gondola da ferrovia. Esse canhão atirava no setor de Buri, Ligiana e outras localidades cortada pelos trilhos da Sorocabana. Mas ao que consta, não provou bem, como se verificou no combate do Morro do Mandasáia.

Em Guapiára, onde chovia constantemente a tropa se alojou na igreja, cujo padreiro era S. José. Imagine-se como não ficaria o templo, transformado em quartel, alojando uma soldadesca em campanha. «Seu» vigário ficou danado com o que passava na casa das orações. Um dia, não se sabe bem como, um soldado disparou um tiro de mosquetão. A bala atravessou a mão do rapaz, estraçalhando-a. E, por cima, ainda atingiu um altar, danificando uma velha imagem. Naquele dia, que tão agourentamente se mostrava, teve lugar o combate do Rio Capinzal, onde correu sangue a valer e constituiu sérios reves para os paulistas que tiveram sérias baixas, sendo obrigados a abandonar Guapiára, mais tarde retomada, por poucos dias, e finalmente abandonada, definitivamente.

O Alfredo Marcolin, no fim da campanha, adoeceu seriamente. Esteve varios mezes em tratamento no Hospital Militar do Cambucy, pois pertencia a uma tropa regular. Esteve parcialmente cego, recobrando a vi-

ção depois de demorado tratamento. Trabalha aqui em Botucatu, com os Irmãos Milanezi.

Dos botucatuenses que lutavam nos sertões sul, lembram-se do Nenê 7 Palhetas, já falecido, do Pinhãozinho (Joaquim das Neves Pinhão Filho), do Francisco Paschoalick, ferroviário, e Leontino Teixeira Pinto, que morava em Rubião Junior. Todos eram da infantaria e combatentes em Ligiana, Vitorino Carmilo e Burí.